



Fórum de Pró-Reitores de Extensão
das Instituições Públicas de
Educação Superior Brasileiras



Oficinas de educação sexual e reprodutiva para adolescentes

Nayara Gonçalves Barbosa¹, Stella Maris Carvalho², Thaianne Cristine Gadagnoto³, Nathalia Santarato⁴, Juliana Cristina dos Santos Monteiro⁵, Flávia Azevedo Gomes-Sponholz⁶

Resumo: A extensão universitária propicia a inter-relação entre a universidade e a sociedade. Faz com que a universidade fortaleça o seu papel social através das trocas de saberes e ações na comunidade, além de permitir aos acadêmicos o aprimoramento de habilidades e competências. Nessa direção, este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de uma intervenção educativa realizada por enfermeiras e graduandas de enfermagem com alunos de ensino fundamental II, visando à promoção da saúde sexual e reprodutiva. A intervenção educativa foi concebida a partir de uma demanda da direção de uma escola pública em Ribeirão Preto/SP, mediante a ocorrência de gravidez, situações de violência e baixa autoestima entre alunos. As oficinas foram organizadas sob a forma de seis encontros, em grupos de 21 alunos, dos períodos matutino e vespertino da escola, no período de novembro de 2019 a fevereiro de 2020. As oficinas foram realizadas na própria escola, tendo duração de duas horas. Foram utilizados jogo, palestra dialogada, demonstração de métodos contraceptivos, reflexão e discussão sobre os temas abordados - gravidez, infecções sexualmente transmissíveis, higiene íntima e métodos contraceptivos - e, por fim, a avaliação. Os alunos foram receptivos, interessados e tinham conhecimento prévio sobre os temas, embora de modo superficial. Percebeu-se a preocupação dos alunos com os riscos da gravidez nesta fase da vida e com as situações de vulnerabilidade que os acometem, o que vem ao encontro da situação relatada pela direção da escola. Os alunos avaliaram positivamente as oficinas, sugerindo temas a serem abordados em novas oportunidades. A experiência relatada demonstra a importância da atenção às situações que demandam intervenções, como é o caso da gravidez na adolescência e a violência.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Relações Comunidade-Instituição; Adolescência; Infecções Sexualmente Transmissíveis

Sexual and reproductive education workshops for adolescents

Abstract: University extension allows the interrelation between the university and society. It leads the university's social role with the development of activities in the community and the knowledge exchange. This allows the academic's skills and the development of competencies. This paper aims to present the experience of an educational intervention carried out by nurses and undergraduate nursing students with students from elementary school aimed at promoting sexual and reproductive health. The educational intervention was conceived based on a request from the board of a public school in Ribeirão Preto, São Paulo state, Brazil, due to pregnancy, situations of violence, and low self-esteem among students. The workshops were organized in six meetings, in groups of 21 students from the morning and afternoon shifts, from November 2019 to February 2020. The workshops were held at the school, lasting two hours. We use games, dialogued lectures, demonstration of contraceptive methods, reflection and discussion on the themes: pregnancy, sexually transmitted infections, intimate hygiene, contraceptive methods, and finally, the evaluation. A total of 131 students (boys and girls) with an average age of 14 participated. The students were receptive, interested, and had previous knowledge about the themes, although superficial. We observed the student's concern mainly about the risks of pregnancy at this stage of life and the vulnerable situations that affect them, which aligns with the initial situation that triggered the intervention. The students evaluated the workshop positively, suggesting new themes to be addressed in new opportunities. The experience reported here demonstrates the importance of attention to situations that require quick interventions, as is the case of teenage pregnancy and violence.

Keywords: Health Education; Community-Institution Relations; Adolescence; Sexually Transmitted Infections

DOI: <https://doi.org/10.36661/2358-0399.2022v13n2.12241>

Originals recebidos em
28 de março de 2021

Aceito para publicação em
02 de agosto de 2022

1
Enfermeira, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Juiz de Fora. Rua José Lourenço Kelmer - São Pedro, Juiz de Fora - MG, 36036-900.

<https://orcid.org/0000-0003-3646-4133>

(autora para correspondência)
nagbarbosa@ufjf.br

2
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-6011-6425>

3
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-6897-4643>

4
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-2078-9243>

5
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-6470-673X>

6
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-1540-0659>

Introdução

A adolescência, correspondente ao período de vida dos 10 aos 19 anos, é uma fase de transição para a maturidade, uma etapa do desenvolvimento humano caracterizada por intensas mudanças biológicas, psicológicas e por descobertas no campo afetivo e sexual (Ministério da Saúde, 2017). Nessa fase, a sexualidade é um construto multidimensional que inclui comportamentos sexuais, autoconceito sexual e socialização sexual (Tolman & McClelland, 2011), e os adolescentes estão envolvidos em um processo pelo qual adquirem conhecimento sobre sexualidade e comportamento sexual e desenvolvem um senso de expectativas normativas advindas de pessoas significativas, como seus pares, pais e professores (Thorsen, 2018).

Nesse período, a educação sexual ocorre, informalmente, a partir das relações interpessoais e com o ambiente, tendo a família como referência, e, formalmente, como prática pedagógica, nas escolas e instituições (Furlanetto et al., 2018). No entanto, a abordagem da sexualidade permanece como um tabu social, cercada de mitos, estereótipos, valores e crenças, interpelada superficialmente nos diálogos entre pais e filhos e no modelo 'biologicista' do currículo escolar (Ferreira et al., 2019).

Na década de 1990, com a criação da Iniciativa Regional Escolas Promotoras de Saúde, a saúde escolar passou a ser uma das preocupações da Organização Pan-Americana da Saúde e da Organização Mundial da Saúde. No Brasil, atualmente, a proposta que segue essa linha é o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído por decreto presidencial em 2007. O PSE visa à integração e articulação permanente da educação e da saúde, com o objetivo de oferecer um leque de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde de crianças, adolescentes e jovens do ensino básico público no Brasil (Ministério da Saúde, 2013a).

A sexualidade é um assunto abordado na promoção da saúde dos adolescentes, considerando que o nível de conhecimento sobre o tema é insuficiente, além da maior exposição a riscos na iniciação sexual, incluindo a prática de sexo desprotegido entre adolescentes (Figueira et al., 2018).

Alguns indicadores reforçam a necessidade da adoção de tal ação/ estratégia, como a taxa de gravidez na adolescência no Brasil, que é de 68,4 por 1.000, acima da média global (46 por 1.000) e da América Latina (65,5 por 1.000) — desse total, 66% são gestações não intencionais, e 75% das mães adolescentes não frequentam mais as escolas (Vieira et al., 2021). Outro indicador desta necessidade é o aumento na disseminação das infecções sexualmente transmissíveis, que também contribui para que a preocupação com esse cenário seja elevada. No Brasil, em 2018, foram diagnosticados 43.941 novos casos de HIV, com número crescente de adolescentes acometidos, sobretudo na última década (Ministério da Saúde, 2019).

Neste contexto, a extensão universitária possibilita a construção de caminhos educativos, que permitem a aproximação dos saberes acadêmicos com o contexto que a sociedade está inserida (Tigre & Pires, 2017). Segundo Santos et al. (2016), as práticas de atividades de extensão promovem uma diversidade de alterações no âmbito estudantil, que perpassam a aproximação da teoria com a prática, propiciando uma maior compreensão dos problemas sociais, econômicos e políticos. Sendo assim, a extensão universitária é uma das funções primordiais da universidade, tendo como o objetivo a garantia dos valores democráticos, de igualdade, sustentabilidade ambiental e social (Musse et al. 2021).

As atividades educativas com grupos constituem um dispositivo importante de promoção da saúde e uma alternativa para as práticas assistenciais. Os grupos de educação em saúde constituem-se em espaços privilegiados para o desenvolvimento da autonomia e emancipação individual e coletiva, possibilitando organizar estratégias para o enfrentamento dos determinantes do processo saúde-doença (Rumor et al., 2010).

A Carta de Ottawa, de 1986, destaca a educação em saúde como um princípio fundamental para a conquista da autonomia, participação, empoderamento e maior qualidade de vida da população (Organização Mundial

da Saúde [OMS], 1986). A Agenda 2030 evidencia, entre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e aos direitos reprodutivos deve ser assegurado a todos, em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, com a Plataforma de Ação de Pequim e com os documentos resultantes de suas conferências de revisão (Organização das Nações Unidas [ONU], 2017). Também há o grande desafio de Alcançar a Igualdade de Gênero e Empoderar todas as Mulheres e Meninas (ONU, 2017), uma vez que a mudança de comportamento dos indivíduos frente à possibilidade de exercício da autonomia e de seu empoderamento permite que se desloquem da categoria de meros “receptores passivos” e se coloquem como agentes promotores de mudanças no processo de apropriação do conhecimento (Figueira et al., 2018).

Considerando o papel do enfermeiro como educador e agente social, faz-se presente o compromisso da enfermagem na garantia e ampliação do acesso à saúde da população, diante do enfrentamento dos desafios de saúde do século XXI (Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS], 2019). Nessa perspectiva, a formação de enfermeiros deve estar orientada para as necessidades individuais e coletivas da população, levando em consideração os aspectos que compõem a pluralidade e diversidade humana e que singularizam cada pessoa, grupo e coletividades (Conselho Nacional de Saúde, Resolução n. 573, de 31 de janeiro de 2018). Constitui-se os princípios da formação o tripé indissociável: ensino-pesquisa-extensão, em sua articulação entre teoria e prática, na integração ensino e serviço com participação social (Conselho Nacional de Saúde, 2018). Assim, o presente estudo tem como objetivo apresentar a experiência de uma intervenção educativa realizada por enfermeiras e graduandas de enfermagem com alunos de ensino fundamental II, visando à promoção da saúde sexual e reprodutiva.

Método

A gênese, o planejamento da intervenção e a organização da oficina foram etapas realizadas em laboratório, com a participação de todos os membros do projeto e da direção da escola. A execução da oficina foi desenvolvida pelas três facilitadoras com apoio da direção da escola, o que foi considerado como a etapa de campo. A etapa de campo refere-se a todas as atividades realizadas desde a saída do laboratório e inclui o contato com os alunos antes, durante e depois da oficina.

Gênese da intervenção

O projeto “Educação Sexual na Adolescência e Promoção da Saúde: atividades de extensão em escolas de Ribeirão Preto/SP” existe há três anos sob a responsabilidade do Grupo de Estudo e Pesquisas em Saúde das Mulheres - GMulheres da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP). É um projeto de educação em saúde com enfoque na educação sexual, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e da gravidez não planejada. O projeto é idealizado e executado por docentes, pesquisadoras e acadêmicas de enfermagem da EERP/USP e, em uma abordagem mais profunda, busca contribuir para a percepção da sexualidade entre os adolescentes nos ambientes escolar, social e familiar.

A presente intervenção foi realizada em uma escola municipal de ensino fundamental, localizada em Ribeirão Preto/SP. A escola possui 1.240 alunos matriculados, do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, e funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno. O disparador para que o projeto acontecesse neste sítio foi o contato da diretora da escola com uma das pesquisadoras, em decorrência de quatro casos de gravidez na adolescência ocorridos em 2019, após dois anos consecutivos sem nenhuma ocorrência. Os casos causaram impacto na comunidade, não apenas pela sua precocidade, mas pelas circunstâncias violentas em que dois deles ocorreram. Nesta escola, recentemente, houve 15 casos de violência sexual devidamente documentados,

episódios de automutilação, abandono escolar, uso de drogas ilícitas, baixa autoestima das meninas e *bullying*. A partir deste pedido, teve início o planejamento conjunto de uma intervenção que atendesse a esta demanda.

Planejamento da intervenção

Em virtude da ausência de ações específicas na escola em questão voltadas para a temática solicitada e especialmente em decorrência das gestações precoces relatadas, foi elaborada, em parceria com a direção da escola, uma intervenção direcionada para os alunos do ensino fundamental II. A participação da escola nas etapas iniciais da intervenção foi de extrema importância, dando a direção dos temas a serem explorados, além de oferecer o ambiente para a realização das oficinas. A intenção foi dar início a uma rede de proteção e de orientação, a partir de ações educativas, para que os alunos tivessem momentos de diálogo entre si e de reflexão.

A modalidade de intervenção que mais se adequou à demanda apresentada foi a oficina, pela dimensão integradora e dinâmica que possui, tratando de assuntos específicos de forma prática, e possibilitando aos participantes reflexão e diálogo, além da abertura para pensar estratégias e ações para a problemática apontada. A oficina foi desenvolvida sob os moldes do método participativo, fundamentado na integração entre o educador e educando, permitindo a participação de todos propiciando maior aproveitamento e aprendizado (Milet & Marconi, 1992).

Organização da oficina

O primeiro passo da organização da oficina foi a definição da programação. A universidade e a escola, em discussão integrada, decidiram sobre os temas a serem abordados, de forma a atenderem à solicitação da direção da escola, e a atingir os alunos para que eles incorporassem novos conhecimentos através de uma experiência conjunta. Os temas eleitos incluíram mudanças corporais na adolescência, higiene íntima, prevenção da gravidez na adolescência e de infecções sexualmente transmissíveis. A abordagem da saúde do adolescente foi fundamentada nas recomendações do Ministério da Saúde (Ministério da Saúde, 2017).

O segundo passo da organização foi definir o público-alvo dentre os alunos da escola, o número de participantes e as facilitadoras da oficina. Definiu-se por convidar os alunos e alunas dos últimos anos do ensino fundamental II, oitavo e nono anos. Foi consenso que, para este tipo de oficina, a participação de alunos de ambos os sexos seria mais proveitosa do que separá-los entre meninos e meninas. A oficina foi organizada para ser oferecida a no máximo 20 participantes por grupo, com duração de duas horas. Quanto às facilitadoras, foi definido que seriam quatro pessoas, sendo uma enfermeira licenciada, com doutorado em um programa de pós-graduação em saúde da criança e do adolescente, as alunas de graduação se constituíram em três sendo elas: uma aluna do terceiro ano do curso de enfermagem, e duas alunas do primeiro ano do curso de enfermagem. As alunas extensionistas se envolveram em todas as etapas do projeto, desde o estabelecimento do contato com a escola juntamente com as docentes e enfermeira, para compreender as suas demandas e necessidades; na elaboração, no desenvolvimento da oficina e na avaliação dos resultados. Assim, todas as facilitadoras acompanharam o desenvolvimento do projeto desde a sua concepção, organização até a execução na escola.

O terceiro passo da organização foi a escolha dos equipamentos, materiais e estratégias que seriam utilizados e a definição de um local para a realização da oficina. O local definido foi a própria escola, em horário letivo, por oferecer segurança e maior garantia de participação dos alunos. Como recursos didáticos, foram utilizados um jogo, projeção de lâminas, panfletos, cartaz, modelos anatômicos do aparelho reprodutor masculino e feminino, quadro de métodos contraceptivos e o "camisã" produzido em tecido, simulando o preservativo

masculino, apresentado no tamanho jovem-adolescente. Os panfletos foram desenvolvidos pelo Programa de IST/AIDS e hepatites virais da Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto.

Embora os temas que seriam abordados na oficina tenham sido escolhidos previamente, optou-se por fazer uma consulta aos alunos sobre o que mais lhes interessariam, a fim de que estivesse assegurada a inclusão dos assuntos mais importantes para os alunos. Foi criada uma central de perguntas, por meio de uma urna para que as dúvidas, questões e sugestões de temas pudessem ser expressas pelos alunos. A central de perguntas foi instalada em um local de fácil acesso na escola, e lá ficou por cinco dias letivos. O Quadro 1 descreve as etapas de campo prévias à primeira oficina. O objetivo do uso da urna foi a participação indireta e direta dos alunos por meio das perguntas depositadas na central de perguntas e pelo debate, realização de atividades e troca de experiências durante a oficina, respectivamente.

O conteúdo das perguntas dos alunos foi transcrito, seguido pela leitura, reflexão e interpretação dos dados. As questões que comporiam a primeira atividade da oficina — o jogo de perguntas e respostas a respeito dos mitos e verdades sobre o tema — foram sistematizadas a partir da análise do material obtido das questões feitas pelos alunos.

Relato das oficinas

No período de novembro de 2019 a fevereiro de 2020 foram realizadas seis oficinas pela equipe extensionista, constituída por uma enfermeira e três estudantes de enfermagem. Cada oficina teve a participação média de 21 alunos, totalizando 131 alunos. As oficinas tiveram duração média de duas horas e meia e aconteceram nos períodos matutino e vespertino, no laboratório de informática da escola. As facilitadoras apresentavam o objetivo e a dinâmica da oficina aos alunos, iniciando-a com uma reflexão acerca da importância do respeito à pessoa humana e à diversidade (Ministério da Saúde, 2013b).

A primeira atividade realizada na oficina foi o jogo de perguntas e respostas a respeito dos mitos e verdades sobre os temas. Foram distribuídas três placas de sinalização nas cores verde (significado: concordo com a afirmação), vermelha (significado: discordo da afirmação) e amarela (significado: tenho dúvida sobre a afirmação). As questões foram apresentadas, e os alunos se posicionavam a respeito de cada uma delas por meio das placas coloridas. Em seguida, a veracidade da afirmação era discutida no grupo.

Quadro 1. Descrição das etapas de campo prévias à primeira oficina.

Sequência das atividades de campo anteriores ao início da oficina
1. Ida das facilitadoras à escola. Explicação aos alunos sobre a oficina, sobre a central de perguntas e convite para participar.
2. Instalação da central de perguntas em local acessível, por cinco dias letivos.
3. Retirada da central de perguntas e análise do conteúdo das questões (por todos os participantes do projeto).
4. Estruturação da oficina, incluindo e respondendo, ao máximo, aos questionamentos dos alunos.

Na sequência, utilizando projeção de lâminas, as facilitadoras abordavam as mudanças biológicas da adolescência, higiene íntima, as principais infecções sexualmente transmissíveis — como HIV/AIDS, HPV, sífilis, herpes genital e oral, e hepatite B — e a importância da prevenção combinada e do sexo seguro (Ministério da Saúde, 2019). A etapa subsequente foi a apresentação dos métodos contraceptivos, quanto à forma correta do uso, vantagens, desvantagens e eficácia. Foram abordadas as seguintes categorias de métodos: barreira (preservativos masculino, feminino e diafragma), hormonais (orais e injetáveis, DIU hormonal e implante subdérmico) e contraceptivo emergencial (pílula anticoncepcional de emergência) (World Health Organization Department of Reproductive Health and Research [WHO/RHR], 2019). Neste momento, os alunos tiveram a oportunidade de ver e manipular os métodos.

Na última atividade da oficina, os alunos formularam novas perguntas sobre dúvidas remanescentes, em filipetas de papel que foram depositadas na central de perguntas (urna) e lidas na sequência. Todas as questões foram respondidas pelas facilitadoras com a participação dos alunos, de maneira dinâmica, participativa e acessível, com o intuito de manter a fonte de apoio e informação.

A avaliação das oficinas pelos alunos foi realizada por meio de um formulário, no qual foram registrados os aspectos positivos, os negativos e as sugestões para melhorá-la, além da realização da autoavaliação, contendo o principal conceito aprendido; dúvidas que ainda ficaram sobre o assunto e sugestão de novos temas. As sugestões de temas dos alunos foram analisadas no programa *WordArt*, a partir da criação de uma nuvem de palavras, na qual as palavras que mais apareceram apresentavam maior destaque na composição da nuvem.

Resultados

Participaram das oficinas 131 alunos, dos quais 67 (51,0%) pertenciam ao sexo feminino e 64 (49,0%) ao sexo masculino. A média de idade dos participantes foi de 14 anos ($\pm 0,93$), variando de 12 a 17 anos. Os alunos foram receptivos às atividades propostas, mostrando interesse e envolvimento. Constatou-se que os alunos tinham alguma informação prévia, porém superficial, sobre os temas que foram abordados — métodos contraceptivos e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis —, além de pouco conhecimento anatômico e funcional do corpo humano. Ao longo da oficina, observou-se grande preocupação dos adolescentes a respeito dos riscos de gravidez na adolescência.

Foram redigidas 47 perguntas anônimas, na primeira rodada do uso da central de perguntas. A análise do conteúdo das perguntas trouxe destaque aos temas anatomia e fisiologia do corpo humano, gravidez na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. O maior número de questões esteve relacionado à gravidez, com as perguntas versando sobre a probabilidade da sua ocorrência mediante sexo sem segurança, os cuidados para a sua prevenção e a identificação do período fértil dentro do ciclo ovulatório. A Figura 1 ilustra o resultado da análise das questões, na forma de uma nuvem de ideias que compôs um cartaz que foi utilizado na oficina.

Alguns exemplos das questões encontradas:

“Qual é o perigo de engravidar na adolescência?”;

“Dizem que a pré-ejaculação de um homem pode engravidar. Isso é verdade?”;

“A pílula do dia seguinte tomada várias vezes afeta quando você for ter um bebê?”;

“Como os métodos contraceptivos agem no organismo?”.

diversidade e ao fortalecimento feminino, procurando assegurar que houvesse diminuição de preconceitos e injustiças, e não só no ambiente escolar.

Da mesma forma que na consulta inicial aos alunos sobre os temas essenciais, a avaliação da oficina foi feita por meio da central de perguntas. Os alunos relataram que a abordagem da oficina foi interessante e divertida, proporcionando um aprendizado significativo e várias reflexões. Quanto aos aspectos aprendidos, destacaram:

"eu aprendi que preciso respeitar minha menstruação porque eu sempre vi a menstruação como um fardo, uma coisa horrível, totalmente desagradável";

"aprendi que sexo não é uma brincadeira igual muitos falam";

"Amei! Aprendi a como me higienizar e tive uma experiência de como me preparar para várias fases".

Houve algumas manifestações de desagrado, como:

"que pena, vocês falam que LGBT² é normal" e

"vocês tratam masturbação como algo normal, que tal não falar sobre isso".

Em suma, os alunos avaliaram as oficinas como uma atividade acolhedora de suas questões mais pessoais e alegaram que o tempo de duração fora escasso frente ao interesse que estes tinham a respeito do assunto:

"não tivemos mais tempo para esclarecer tudo";

"foi rápido, gostaria que tivesse mais tempo";

"Eu gostei, aprendi mais sobre o meu corpo, e o legal é que eu pude conversar o que eu não converso com os meus pais".

Os temas sugeridos para outras oficinas mais recorrentes foram relacionados à saúde mental, com maior destaque para a depressão, a ansiedade e o suicídio (Figura 2). Ainda, sugeriram que fossem abordados temas sobre doenças como o câncer, além das infecções de transmissão sexual, sexualidade e população LGBT. Os temas menos lembrados foram: saúde bucal, primeiros socorros, animais peçonhentos, álcool e drogas. As relações dos temas levantados demonstram as necessidades dos adolescentes, com maior ênfase na promoção da saúde mental e importância da continuidade das ações educativas acerca da sexualidade.

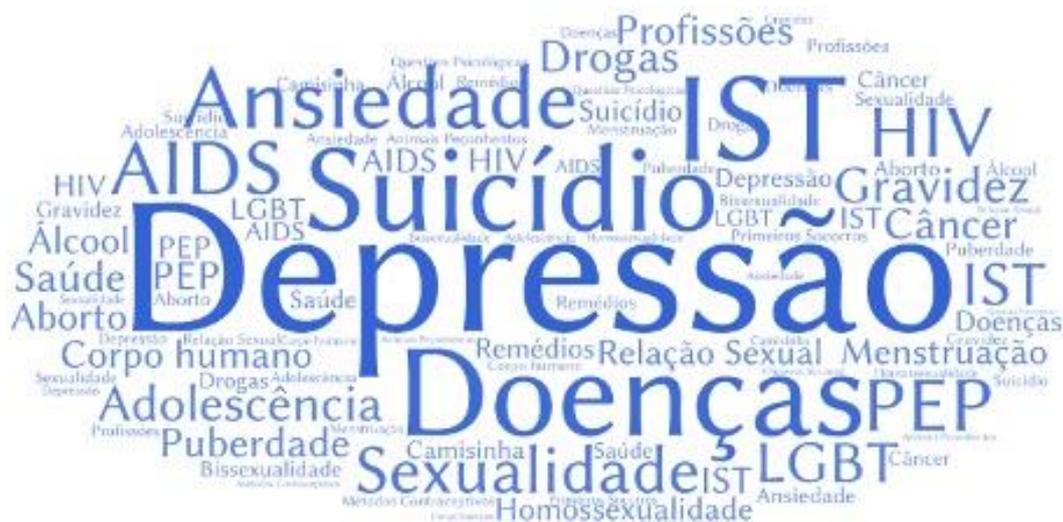


Figura 2. Representação em nuvem de palavras dos temas sugeridos pelos alunos para outras atividades educativas.

A interrupção das oficinas com os adolescentes se deu em decorrência da pandemia da Covid-19, o que impossibilitou a continuidade do projeto e o desenvolvimento de novas estratégias e interlocução com outros atores sociais e de diferentes grupos de pesquisa da universidade, considerando a complexidade das demandas dos adolescentes.

A vivência da extensão universitária propiciou o encontro entre os acadêmicos de enfermagem, com a realidade dos adolescentes, identificando as suas vulnerabilidades e questões sociais envolvidas no desenvolvimento da sexualidade. Os pontos positivos relacionados incluem o crescimento pessoal e profissional das extensionistas, adquiridos sobretudo com a desenvoltura adquirida para com os adolescentes e enfrentamento de impasses relacionados ao comportamento destes.

Em se tratando das limitações do projeto, evidencia-se a ausência de uma avaliação a longo prazo dos adolescentes que participaram das ações, pois, assim, não temos um *feedback* mais profundo a respeito do quanto esses conhecimentos ofertados impactaram a vida dos participantes e os influenciaram em experiências sexuais seguras.

Discussão

O desenvolvimento da oficina de educação sexual permitiu a aproximação dos autores deste texto com os contextos socioeconômicos, culturais e familiares, vivências, vulnerabilidades dos adolescentes e práticas relacionadas à sexualidade, além de necessidades coletivas, evidenciando a necessidade de uma educação sexual consistente. Nessa direção, é fundamental a reflexão acerca das singularidades da adolescência junto aos próprios adolescentes, com o objetivo de buscar novas estratégias educacionais que atendam suas necessidades e que ampliem as possibilidades de prevenção de situações de vulnerabilidade (Morais et al., 2017).

Ao considerar a busca da escola pela universidade, trazendo a problemática referenciada, destaca-se relevância da inserção social da universidade pública e da atenção às necessidades da comunidade (Bertollo et al., 2018).

A extensão se torna um componente que possibilita ao universitário uma aprendizagem teórico-prática, potencializando o ensino obtido em sala de aula (Santos et al., 2016), além de fortalecer seu papel social e de cidadania, fortalecendo habilidades aprendidas durante sua trajetória. (Marinho et al., 2019). Dessa maneira, a extensão torna-se um instrumento de inter-relação da universidade com a sociedade, propiciando a democratização do conhecimento acadêmico (Figueiredo et al., 2022).

O desenvolvimento de atividades de extensão permite a implementação de conjunto de iniciativas que superam as práticas tradicionais de ensino, articulando a formação acadêmica com o mundo do trabalho (Guimarães, 2017) e na formação de lideranças (Martins et al., 2021), sendo capaz de intervir nos principais problemas de saúde da população (Guimarães, 2017), e na formulação de opiniões e políticas públicas de amplo alcance (Martins et al., 2021).

A oficina, enquanto um espaço de construção coletiva, tem como premissa a participação ativa das pessoas envolvidas, seres da *práxis*, da ação e da reflexão (Jeolás & Ferrari, 2003), além de permitir a partilha de saberes e de vivências, possibilitando a aprendizagem dos participantes (Carneiro et al., 2015). Respalda-se no papel social da escola, a estratégia buscou aprimorar o senso crítico e o empoderamento dos adolescentes (Paiva et al., 2010). O protagonismo dos adolescentes na construção do autocuidado confere um potencial de emancipação, autonomia e responsabilidade social (Morais et al., 2017).

Os adolescentes mostraram interesse, entusiasmo e participação ativa nas oficinas. O estabelecimento de relações horizontais permitiu uma comunicação fluida acerca dos temas abordados e fez com que os adolescentes se sentissem à vontade para expressarem suas dúvidas, sentimentos e inquietações sobre a sexualidade. De fato, a estratégia de oficinas permite aos adolescentes a livre expressão de seus entendimentos e pontos de vista a respeito da sexualidade (Ferreira et al., 2019), além de promover a discussão sobre os temas propostos e despertar o interesse dos adolescentes (Bertollo et al., 2018). Ao compartilhar informações em um espaço que possibilita a liberdade de expressão e o debate saudável, os estudantes podem compreender sua sexualidade de forma mais responsável (Ferreira et al., 2019).

Os conhecimentos trazidos pelos adolescentes a respeito da sexualidade, transmissão e prevenção de IST/AIDS e gravidez na adolescência mostraram-se parcos e pouco fundamentados. Frequentemente, as informações sobre sexo, sexualidade e questões de interesse dos adolescentes têm sido compartilhadas pela Internet, advindas de fontes não confiáveis e ou de má qualidade. Essas informações transmitidas por amigos, conhecidos ou outros constroem concepções errôneas e contribuem para o uso inadequado ou o não uso de métodos contraceptivos e da dupla proteção com preservativos (Guimarães et al., 2020). O estudo de Adjei et al. (2017) confirma essa afirmação, evidenciando que menos de 25% dos adolescentes de sua amostra tiveram acesso à informação de qualidade. Carvalho et al. (2017) afirmam que o conhecimento isolado não garante mudança de comportamento, mas é um quesito fundamental para se prevenir comportamentos sexuais que tornam os adolescentes mais vulneráveis. Segundo Silva (2014), é urgente a necessidade de se adotar práticas voltadas para educação e prevenção, incluindo o maior número de adolescentes, para promover a sexualidade responsável.

Detectou-se maior preocupação dos adolescentes frente à prevenção da gravidez, em detrimento das IST/AIDS. Observa-se, em oficinas educativas, maior preocupação a respeito da gravidez na adolescência e uso de métodos contraceptivos, sobretudo pelas adolescentes do sexo feminino (Ferreira et al., 2019). A maior preocupação com a gravidez pode refletir o fato de ser uma consequência imediata, em relação aos demais riscos e desfechos tardios relacionados à prática do sexo inseguro (Vieira et al., 2021).

As limitações da estratégia referem-se ao fato da realização de uma única oficina com cada grupo de estudantes, uma vez que a realização de atividades educativas isoladas com adolescentes é insuficiente e, possivelmente, apresenta pouco impacto na formação de conceitos e atitudes. Ademais, os adolescentes expressaram que o tempo das oficinas foi escasso. Além disso, possivelmente, devido ao tema ser permeado por tabus e da falta de diálogo no âmbito familiar e escolar, fez com que a maioria dos alunos apresentasse certa timidez e vergonha acerca do tema, o que não permitia que tirassem suas dúvidas ou participassem ativamente das dinâmicas. O uso do recurso de perguntas anônimas, e o oferecimento de um espaço após a oficina, permitiu a aproximação de alguns estudantes para questionarem e estabelecerem um diálogo com a equipe extensionista. A utilização de uma diversidade de técnicas metodológicas junto aos adolescentes é uma estratégia relevante, considerando que à medida que o adolescente vivencia novas experiências, faz-se necessário novas formas de abordagem (Morais et al., 2017).

Experiências a partir da realização de várias oficinas com adolescentes, longitudinalmente, propiciam a abordagem da sexualidade por diferentes ângulos e maiores discussões, considerando a complexidade do tema (Bertollo et al., 2018; Ferreira et al., 2019). Ademais, detecta-se no decorrer das oficinas, ao longo do tempo, a construção de vínculos que propiciam maior envolvimento e compartilhamento de experiências pessoais e exposição de dúvidas sobre o tema, uma vez que muitos adolescentes podem se sentir constrangidos ao tratarem desse assunto (Ferreira et al., 2019).

A mudança de comportamento é um processo desenvolvido a longo prazo, resultante da interação de outros determinantes, como a família, a mídia e a escola. Nessa direção, as oficinas constituem um ponto de partida

necessário, embora insuficiente, na busca da autonomia do sujeito quanto à sexualidade (Jeolás & Ferrari, 2003) e englobam um processo maior a ser complementado por outros atores, como a família, escola, além da necessidade de políticas públicas para a população de adolescentes e jovens (Jeolás & Ferrari, 2003).

Outra limitação refere-se ao planejamento da oficina ter sido realizado apenas com a direção pedagógica da escola, não incluindo os pais ou responsáveis pelos adolescentes no levantamento das temáticas. Entretanto, devido à situação emergente e à necessidade de intervenções rápidas, diante da situação de violência sexual e dos problemas diagnosticados na escola, a estratégia cumpriu seu objetivo inicial de aproximação com os adolescentes e sensibilização acerca do tema. A estratégia permitiu o reconhecimento de outros assuntos de interesse dos adolescentes, com ênfase na saúde mental, abordagem do suicídio, depressão, demonstrando a relevância de um olhar mais ampliado acerca das necessidades de saúde referenciadas pelos adolescentes. Ao aproximar-se dessa realidade, torna-se possível o reconhecimento das necessidades dos adolescentes, acolhendo-as, além de oportunizar a elaboração/implantação de novas estratégias para a continuidade das atividades (Martins et al., 2011).

Os adolescentes apresentaram avaliação positiva da atividade desenvolvida e ressaltaram que gostariam que fossem realizadas novas oficinas. A avaliação permite compreender a visão dos adolescentes a respeito das oficinas realizadas (Morais et al., 2017). Os adolescentes consideram válidas as oportunidades para discussão de assuntos dificilmente tratados em outros ambientes institucionais, ressaltando a importância da abordagem desses temas no ambiente escolar (Carneiro et al., 2015). Devido à importância da escola no cotidiano dos adolescentes, esse ambiente configura-se como um local seguro para expressar suas dúvidas, medos e sentimentos (Carneiro et al., 2015), o que corrobora com a realização de oficinas nas escolas, enquanto local privilegiado de práticas sociais e de cidadania.

Conclusão

Os alunos apresentaram interesse e trouxeram para a oficina concepções prévias sobre o tema abordado, porém superficiais ou equivocadas. Nesse sentido, as atividades de extensão universitária permitiram a criação de um espaço de troca de conhecimentos entre os acadêmicos e os adolescentes, propiciando uma atmosfera de acolhimento e escuta do adolescente diante da insegurança, medo e inquietações, bem como propiciar oportunidades para a discussão, troca de conhecimentos e reflexões. O uso da estratégia de oficinas, é de extrema importância para a promoção do autocuidado, o que pode resultar no exercício da sexualidade de forma responsável e a prática de comportamentos e atitudes para uma vida sexual saudável durante todo o ciclo vital.

A vivência da extensão universitária proporciona a formação do profissional contíguo à sociedade, experienciando a visão próxima das desigualdades sociais existentes no país, e ocupando um espaço favorecido no que se refere à produção e acesso ao conhecimento científico. Nesse sentido, o acadêmico terá ampla visibilidade acerca de questões sociais, e poderá auxiliar com mais afinco nas adversidades que permeiam os indivíduos, à medida que planeja e executa ações extensionistas, como de educação em saúde.

Identificou-se situações de vulnerabilidade que acometem os adolescentes que participaram das oficinas, o que vem ao encontro da situação inicial disparadora da intervenção — gravidez, violência e baixa autoestima. A necessidade de um olhar holístico, que valorize os determinantes sociais e o contexto dos jovens é fundamental para o direcionamento de estratégias de prevenção e promoção à saúde para essa população. A experiência aqui relatada demonstra a importância de estarmos atentos às situações que demandam intervenções rápidas, como é o caso da gravidez na adolescência e a violência.

Contribuição de cada autor

Todos os autores participaram da redação do artigo e todas as etapas descritas na metodologia.

Notas

1. Profilaxia pós-exposição ao HIV.
2. Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.

Referências

- Adjei, N., Yacovelli, M., Liu, D., Sindhu, K., Roberts, M., & Magee, S. (2017). Medical students help bridge the gap in sexual health education among middle school youth. *Rhode Island Medical Journal*, 100(1), 51-56.
- Bertollo, L. P. G., Martins, R. R., & Ayres, J. R. C. M. (2018). Educação sexual e reprodutiva para adolescentes como educação entre pares: Avaliação de uma experiência de extensão universitária. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 9(2), 83-91.
- Carneiro, R. F., Silva, N. C., Alves, T. A., Albuquerque, D. O., Brito, D. C., & Oliveira, L. L. (2015). Educação sexual na adolescência: Uma abordagem no contexto escolar. *SANARE* 14(02), 104-108.
- Carvalho, C. P., Pinheiro, M. R. M., Gouveia, J. P., & Vilar, D. R. (2017). Conhecimentos sobre sexualidade: Construção e validação de um instrumento de avaliação para adolescentes em contexto escolar. *Revista Portuguesa de Educação*, 30(20), 249-274.
- Ferreira, I. G., Piazza, M., & Souza, D. (2019). Oficina de saúde e sexualidade: Residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 14(41), 1-11.
- Figueira, A. B., Barlem, E. L. D., Tomaschewski-Barlem, J. G., Damolin, G. L., Amarijo C. L., ... & Frio, G. S. (2018). Factors associated with family, school and behavioral characteristics on sexual initiation: a gender analysis for Brazilian adolescents. *PLoS One*, 13(12), 1-16.
- Figueiredo, M. O., Batistão, R., Silva, C. R., Martinez, C. M. S., & Roiz, R. G. (2022). A atividade de extensão na terapia ocupacional: Revisão de escopo na literatura nacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30(e2908), 1-34.
- Furlanetto, M. F., Lauermaann, F., Costa, C. B., & Marin, A. H. (2018). Educação Sexual em Escolas Brasileiras: Revisão Sistemática da Literatura. *Cadernos de Pesquisa*, 48(168), 550-557.
- Guimarães, E. M. S. (2017). Expressões conservadoras no trabalho em saúde: A abordagem familiar e comunitária em questão. *Serviço Social & Sociedade*, 130: 564-582.
- Guimarães V. B., Silva L. P., Jabali M. P., Leme J. B., Varella S., & Quagliato F. F. (2020). Oficinas de prevenção para promover conhecimento sobre sexualidade em adolescentes. *Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação*, 1(2), 41-56.
- Jeolás, L. S., & Ferrari, R. A. P. (2003). Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. *Ciência Coletiva*, 8(2), 611-20.
- Marinho, C. M., Freitas, H. R., Coelho, F. M. G., & Neto, M. F. C. (2019). Porque ainda falar e buscar fazer extensão universitária? *Revista Mosaicum*, 7(1), 121-140.
- Martins, C. B. G., Ferreira, L. O., Santos, P. R. M., Lopes Sobrinho, M. W., Weiss, M. C. V., & Souza, S. P. S. (2011). Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe de saúde da família com adolescentes do ensino médio. *Revista Mineira de Enfermagem*, 15(4), 573-578.
- Martins, J.P., Assunção-Luiz, A.V., Pitta, N.C., Dos Santos, V. H.L., Silva, I.F., Dos Santos, J.V.F., dos Santosm J.T.T., e Fernandes, A.P.M. (2021). A experiência de alunos de graduação e pós graduação em enfermagem no programa de inclusão universitária. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 12(3), 329-337.
-

- Milet, M. E., & Marconi, R. (1992). *Metodologia participativa na criação de material educativo com adolescentes*. Salvador: Paulo Dourado.
- Ministério da Saúde (2013a). *Manual instrutivo: Programa Saúde na Escola*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Ministério da Saúde (2013b). Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília: Ministério da Saúde.
- Ministério da Saúde (2017). *Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Ministério da Saúde (2019). *Boletim Epidemiológico Especial de HIV e AIDS*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Morais, R. S., Silva, M. A. M., Viana, R. S., Moraes, D. L., & Oliveira, C. M. (2017). Potencialidades e desafios na realização de oficinas educativas com adolescentes. *Revista de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí*, 6(2), 30-36.
- Musse, J. de O., Granjeiro, E. M., Peixoto, T. M., Costa e Silva, D., Almeida, T. R. O., de Carvalho, T. B., Soares, I. M. S. C., & da Silva, I. C. O. (2021). Extensão universitária e formação em saúde: Experiências de um grupo tutorial do PET-Saúde Interprofissionalidade. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 12(1), 103-112.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (1986). *Carta de Ottawa para la Promoción de la Salud*. Ottawa: Organização Mundial da Saúde.
- Organização das Nações Unidas (ONU). (2017). *Documentos temáticos: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 1-2-3-5-9-14*. Brasília: Organização das Nações Unidas.
- Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). (2019). *Diretriz estratégica para a enfermagem na Região das Américas*. Washington: Organização Pan-Americana da Saúde.
- Paiva, V., Ayres, J. R. C. M., & Gruskin, S. (2010). *Being young and living with HIV: the double neglect of sexual citizenship. Health and Rights*. New York: Routledge, 422-430.
- Rumor, P. C. F., Berns, I., Heidemann, I. T. S. B., Mattos, L. H. L., & Wosny, A. M. (2010). A promoção da saúde nas práticas educativas da saúde da família. *Cogitare Enfermagem*, 15(4), 674-680.
- Santos, J. H. S., Rocha, B. F. & Passaglio, K. T. (2016). Extensão Universitária e Formação no Ensino Superior. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 7(1), 23-28.
- Silva, D. Q. (2014). Tratamiento de la educación sexual en escuelas primarias en el sur de Brasil. *Revista Cubana de Salud Pública*, 40(4), 289-298.
- Tigre, N.F., & Pires, J. S. (2017). A importância de extensão para a formação acadêmica no curso de ciências contábeis. *Revista a Mosaicum*, 13(25), 42-52.
- Tolman, D. L., & McClelland, S. I. (2011). Normative sexuality development in adolescence: A decade in review, 2000-2009. *Journal of Adolescent Research*, 21(1), 242-55.
- Thorsen, M. L. (2018). A latent class analysis of behavioral and psychosocial dimensions of adolescent sexuality: Exploring race differences. *The Journal of Sex Research*, 55(1), 45-59.
- Vieira, K. J., Barbosa, N. G., Dionízio, L. A., Santarato, N., Monteiro, J. C. S., & Gomes-Sponholz, F. A. (2021). Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 25(3), 1-6.
- World Health Organization Department of Reproductive Health and Research (WHO/RHR). (2018). *Knowledge for Health Project. Family Planning: A Global Handbook for Providers*. Baltimore and Geneva: Center for Communication Programs and World Health Organization.

Como citar este artigo:

Barbosa, N. G., Carvalho, S. M., Gadagnoto, T. C., Santarato, N., Monteiro, J. C. dos S., & Gomes-Sponholz, F. A. (2022). Oficinas de educação sexual e reprodutiva para adolescentes. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 13(2), 187-199. <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/12241/pdf>
